



Rogéria Moreira de Ipanema

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Imagem carnalizada do poder: desordem e regresso na bandeira nacional

A arte da imagem impressa de humor no final dos Oitocentos, sob a ordem de uma República ascendida no Positivismo, formou um complexo ideológico extensamente combatido pela imprensa caricata do artista e jornalista Angelo Agostini, principalmente no período do governo de Prudente de Moraes. A bandeira nacional republicana, como um dos símbolos constituintes das nações modernas, foi satirizada pelos discursos visuais transgressores do jornalismo de sua folha, Don Quixote.

O comportamento da produção independente dos bens culturais circulantes permite-o mais próximo à liberdade de apresentação, e principalmente pela expressão visual que intertextualiza com o poder pelo viés da sátira, põe-se ao exercício da reflexão e pensamento social e político do país. Ambos os universos mantidos na obra gráfica do autor.

A comunicação trata da litografia saída nas páginas centrais do número 48, de 25 de janeiro de 1896, que tem um dos pontos-chaves para entender o posicionamento do autor frente aos movimentos políticos de sua época, e mais, dispõe do que pode discutir a imagem da imprensa artística de humor na primeira década da República Velha. O artista desconstrói um dos seus símbolos, e resignificando-o em uma outra dimensão nacional, evidencia a distância de uma nação imaginada da nação-realidade.

O patriotismo estatal daquele momento político exaltado na bandeira não tem liquidez na arte jornalística de Agostini, que o destitui simbolicamente do poder da força ideologizada progressista de visão de mundo da Europa do século XIX. A obra representa alegoricamente a República brasileira fragilizada e desmotivada, incapaz frente às outras nações sulamericanas e, por contrários extremados reafirma a colocação anti-positivista que o autor assume, dramatizada na “Desordem e Regresso” e no descomando do Estado em crise de Prudente de Moraes.